



www.ligacombatentes.org.pt

Combatente

Trimestral - Edição 353 - Setembro 2010 - 2€

para todos os que vivem e sentem Portugal

Todos somos combatentes



Começou a operação Moçambique | A "Cruz" de Lobo Antunes | A vida dos Núcleos

Destaque

Sarajevo, 24 de Janeiro de 1996;
Visegrado, 6 de Outubro de 1996;
Doboj, 16 de Julho de 2004.
Estas três datas e locais continuam
na memória da generalidade
dos militares portugueses que
serviram na missão de paz na Bósnia.
Vamos ver porquê, o que se faz em
Portugal para isto se perpétuar
e porque naquelas paragens onde
morreram ao serviço da Pátria,
tal está ameaçado



MIGUEL SILVA MACHADO



Miguel Silva Machado

À memória dos portugueses mortos na Bósnia e Herzegovina

Alcino José Lázaro Mouta, Rui Manuel Reis, José da Ressurreição Barradas, Ricardo Manuel Borges Souto e Ricardo Manuel Pombo Valério, têm hoje o seu nome, justamente inscrito nas paredes do Forte do Bom Sucesso, por decisão da Liga dos Combatentes, e se assim é isso deve-se sem dúvida aos seus camaradas que não os deixaram cair no esquecimento e às sucessivas unidades do Exército que nos vários quartéis da Bósnia e Herzegovina os lembravam, ano após ano.

Na realidade o nome destes jovens caídos ao serviço da Pátria foi desde o início inscrito na pedra por iniciativa de portugueses mas também de bósnios no caso dos falecidos em Sarajevo, e não havia dia importante, visita de alta entidade, ou “simples” missa dominical que a sua memória não fosse evocada. Por todos, visitantes e militares em missão.

Já com os feridos, alguns com gravidade como foi o caso do Primeiro-Cabo

Aquilino Oliveira em Sarajevo e do Tenente Pinheiro em Praca, menos grave mas mutilado o Capitão Leite Basto em Gorazde e outros como os Segundos-Sargentos Jorge Oliveira e Rui Dias (só no 1.º semestre de 1996 foram 11 os feridos!), porque regressaram vivos e o seu nome não ficou gravado na pedra, o sofrimento diluiu-se no tempo e até parece que não existiu.

Os primeiros dois mortos no dramático acidente de Sarajevo, ocorrido quando a força ainda se estava a instalar, pondo à prova os pára-quedistas no terreno e a determinação dos políticos em Lisboa, foram desde sempre lembrados pelos camaradas. O seu nome foi dado a locais de convívio em Tito Barraks (um dos quartéis dos portugueses em Sarajevo), mas não só. Na escola onde morreram foi a comunidade local, bósnia, que os homenageou numa placa e, mais tarde, receberam com grande dignidade a madrinha que havia cria-

do o Alcino Mouta, a qual, emocionada, visitou o local a seu pedido.

Perto de Visegrado no exacto local do acidente com uma viatura blindada que matou dois militares, os pára-quedistas colocaram uma lápide que regularmente recebia uma Guarda de Honra e era limpa para manter viva a memória destes camaradas mortos.

O contingente italiano do qual dependiam os portugueses, inscreveu em 1997 os nomes dos 4 portugueses falecidos (e de dois italianos) num monumento que erigiu em Zetra (Sarajevo). As unidades nacionais que iam passando pela Bósnia, sem qualquer distinção de cores de boinas ou clubismos, honraram sempre as melhores tradições militares e mantiveram esta memória.

No Visoko onde os portugueses se instalaram depois de Sarajevo – Rogatica – Gorzade, uma placa com os nomes dos primeiros 4 militares mortos na Bósnia estava na parada da unidade, bem ao lado da Bandeira Nacional: dia e noite,



Miguel Silva Machado

verão e inverno, olhava para as formaturas, prevenções, emergências, festas, cerimónias, acompanhava a vida das unidades que se revezavam a cada 6 meses. E quem chegava certamente os olhava com um misto de respeito, curiosidade pelo sucedido e, porque não, aviso que “estas coisas acontecem”.

Transferido o batalhão português para Doboj, a placa foi também com a unidade. Novo batalhão rendeu a força que fizera a mudança e tratou – como é típico nas missões, quem chega tenta melhorar o que encontra – de dar nova dignidade à memória dos mortos portugueses na Bósnia.

Foi construído com meios do batalhão nas suas oficinas um significativo monumento: a base em mármore inspirada numa pedra tumular; ao alto a porta de um avião C-130 em metal, à escala, com a Cruz de Cristo num pedaço de fuselagem, pendentes pela parte superior esquerda da porta, as tiras extractoras com o lema da “casa-mãe” dos pára-quedistas, “QUE NUNCA POR VENCIDOS SE CO-NHEÇAM”; sob o túmulo virada para a porta, para o espaço, a pedra e placa com os nomes trazidos do Visoko. O monumento foi colocado junto à capela da unidade, também ela em grande parte trazida do Visoko, e ladeado por dois ciprestes. Sendo todos os militares mortos na Bósnia, até àquela data, pára-quedistas, homenagem mais carregada de simbolismo seria difícil. O monumento – *os mortos ao serviço da paz, olhando a porta que tantas vezes tinham transportado e cujo pára-quedas se tinha aberto pela acção das tiras extractoras com o lema da Escola* – foi inaugurado em 23 de

Maio de 2003, exactamente no dia da unidade de Tancos. Mesmo percebendo que poderia ser difícil a quem não foi pára-quedista avaliar bem este simbolismo da porta do avião, pela qual todos, do general ao soldado, sem qualquer distinção, saltam e correm os mesmos riscos, a verdade é que o monumento rapidamente se transformou no novo ex-líbris da unidade.

Mais uma vez, da simples visita de cortesia à do ministro da tutela, todos os que chegavam a Doboj, homenageavam os que perderam a vida ao serviço da Pátria, junto ao monumento, que entretanto mudou de localização dentro do quartel. Foi aqui, na unidade, que em Julho de 2004 faleceu o Soldado Pára-quedista Valério, a dias de regressar a casa no fim da missão.

Preservar a memória

Preservar a memória é um dos objectivos da Liga dos Combatentes. Esta memória dos mortos na Bósnia está bem preservada, por acção da Liga, em Portugal, no Forte do Bom Sucesso. Mas na Bósnia não se deverá manter?

Em 2007 o último batalhão que serviu na Bósnia e Herzegovina recebeu ordem para assinalar com um memorial a colocar na cidade de Doboj, a presença do Exército Português naquelas paragens. Justíssimo e de louvar a iniciativa e a aceitação local.

Certamente por desconhecimento da sua história ou pelas contingências próprias destes momentos de retracção, decidiu modificar o monumento existente (retirar a placa com o nome dos

mortos – onde está hoje? – apagar lema dos pára-quedistas e inscrever uma outra frase), desmontar toda a estrutura – fácil porque o batalhão que o concebeu, adivinhando que estes quartéis são sempre transitórios o construiu desmontável – e colocá-lo na cidade. Um arripio de indignação que só a disciplina cala gelou os militares que iam tomando conhecimento deste facto.

Nunca se deve considerar que é tarde para reparar um erro desta natureza. A história não é passível de ser apagada. O monumento foi criado com uma finalidade que deve ser mantida e, se for entendido por quem de direito que na sua forma original não deve representar Portugal na Bósnia, que seja repatriado e colocado onde aqueles cinco portugueses nasceram para a vida militar, em Tancos.

Acresce que ter uma porta de um C-130 – com todo o respeito que tenho por esta aeronave da qual muitas vezes me lancei no espaço e onde tantas e tantas horas viajei em segurança na companhia de tripulações competentes – a representar o esforço do Exército Português durante mais de uma década na Bósnia-Herzegovina é, no mínimo, falta de originalidade.

Se a Liga e bem está empenhada em delicadíssimas operações de repatriamento de restos mortais de militares portugueses caídos no antigo Ultramar e na dignificação dos cemitérios portugueses em França e África, quem melhor que a Liga para assumir mais esta nobre missão de repor a verdade histórica na Bósnia.

Eu sou voluntário para ajudar no que for necessário! ■